ANNO II — CAPITAL FEDERAL, 1 DE FEVEREIRO DE 1899 — N. 61

O Rio-Nú

ESCRIPTORIO E REDACÇÃO
N. 14
Travessa do Ouvidor
2º Andar

NUMERO AVULSO
100 réis

PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO
HUMORISTICO
Ás quartas e sabbados

NUMERO ATRAZADO
200 réis

COLLABORADORES
Sachristão, Bock, Le Petit, Reporter, D. Satan, Martin I, Dealino, Lucas Tavares, Frei K. Baço, Chico-Bola, Edison, Ricaneur, Julião Valdemar, Piparote, Dona Fina, Mané Gregorio Junior, Thereza, a Casta, Bock-Bier, Vosso Criado Mathias.

DIRECÇÃO
DE
Heitor Quintanilha, Gil Moreno e Vaz Simão

Assignaturas para a Capital e Estados

Anno	12$000
Seis mezes	6$000
Extrangeiro, anno	25$000

EXPEDIENTE

As pessoas que, do interior, queiram ser assignantes do "Rio Nú" devem remetter, em vale postal, a esta redacção, a importancia das assignaturas, com os respectivos endereços.

TELEGRAMMAS

Serviço especial de todos os outros jornaes e commentario tambem especial do "Rio Nú."

LONDRES, 27.—O governo inglez mandou construir cento e dezenove navios de guerra, entre couraçados e cruzadores.

Era o caso do nosso governo, que tem transacções com o de Inglaterra, fornecer-lhe, agora, todos os *cauhões* que por ahi estão se enferrujando na rua 7, Lavradio, Conceição e adjacentes.

VIENNA, 29.—Alguns deputados allemães e «tcheques» tiveram hoje uma questão entre si, esbordoando-se mutuamente.

Foi por isso suspensa a sessão.

Que modos tão pouco parlamentares deses parlamentares!

LA PAZ, 29.—Deu-se hoje um combate entre tropas governistas e revolucionarias tendo o general Alonso perdido quarenta soldados.

E isso é um telegramma de La Paz, si fosse de La Guerra o telegramma seria talvez este:

Tudo aqui anda em mar de rosas, o exercito foi desarmado o povo é verdadeiramente fel : !

Toca o hymno! Viva! Vivôôô!

EDISON.

RIO A' NOITE

Tambem eu... tambem eu fui levar, domingo o meu votinho ás urnas!

Que querem se sou patriota, si estou disposto a dar até a ultima gotta do sangue dos outros, pela felicidade desta pobre terra de Santa Cruz!

Fui levar o meu votinho ás urnas, pois.

Foi uma grande massada, lá isso foi!

E foi por muitos razões, das quaes citarei apenas duas: 1º, porque tive de aturar, com a barriga a dar horas, uma chamada interminavel de votantes, cuja identidade não seria mão provar; 2º, porque o meu candidato ficou n'uma bagagem, tristemente vergonhosa.

Mas, tudo tem compensação e a compensação de tanta massada encontrei-a, domingo mesmo, nos braços, nos labios, no leito, á noite e no mais da Lolita, uma adoravel hungara disfarçada em hespanhola, que mora na rua do Lavradio.

Não extranhem, si digo que a Lolita offereceu-me compensação da massadas do pleito eleitoral... ella tinha obrigação de fazel-o. E sabem porque?

Foi um pacto que fizemos: eu daria o meu voto a um seu candidato, que marcha a grande, ella dar-me-ia, pelo espaço de uma noite, os labios, os braços, o leito a propria noite e o resto, que me deu.

O negocio, francamente, agradou-me e ha seis dias, esperava eu anciosamente pelo da eleição.

Chegou a final. Votei a final. Recebi o pagamento a final.

Oh! Christo! porque não me dá todos os dias uma eleição municipal, com uma competente Lolita que, pelo mesmo preço, me compre o voto?

O que lhes posso garantir que é foi uma noite cheia!

JULIÃO VALDEMAR.

Nú e Crú

« Maria Thereza de Jesus, moradora á rua da Alfandega, proximo á dos Ourives, frequentava ha muito tempo as sessões spiritas presididas por um spirita em quem depositava tanta confiança que não hesitou em entregar-lhe o deposito da importancia de 1:3 0$, mediante um documento passado pelo *spirita*, no qual se obrigava a dar-lhe marmelada, queijo, biscoutos e vinho do Porto, quando estivesse doente no hospital, sendo que quando ella desencarnasse, ficaria elle como seu herdeiro universal.»

(Noticia do *Jornal do Brasil* de 27).

Ora di se! Então o homemsinho recebeu assim adiantado todo o cobre da triste Maria Thereza de Jesus em troca de marmelada, queijo e biscoutos!

Parece incrivel; mas, é verdade, pelo menos o *Jornal do Brasil* o affirma cathegoricamente.

1:300$ de marmelada! Muito gostava de marmelada esse spirita, *sui generis*.

De resto o homem não deixou de ter a sua razão. Que diabo! Elle ouvira dizer—não sabe bem aonde, mas ouvira dizer—que não é com vinagre que se apanham moscas; convicto disto, experimentou varios recursos sem resultado satisfactorio; ultimamente, quasi desanimado, recorreu á marmelada e a marmelada deu em resultado a mosca cahir como um patinho.

Agora já sabemos o meio: quando algum de nós estiver sem vintem é offerecer marmelada e os tolos cahem até com o ultimo real.

1:300$ de marmelada! Isto mesmo quando estiver doente, no hospital.

Pois nós fazemos as mesmas vantagens, offerecemos as mesmas regallas e até por um preçosinho muito menor; a 500$ por cabeça, estamos dispostos a fornecer marmelada a todos os doentes da Santa Casa, que se fizerem questão, podem-recebel-a até já mastigada.

Anda lá meu spirita
Tú não és molle nem nada.
Que idéa nova e catita
Aquella da marmelada!

Atiraste em cima o plano
O plano da gulodice
E logo arranjaste, mano,
Marmelada p'ra velhice!

Aperta, gajo, estes ossos
De quem te admira ardente,
Tu que tens planos tão grossos
Devias ser intendente!

Em pouco tempo esta gente
Passava vida folgada,
Pois graças a um intendente
Só comia marmelada.

DUETTOS

— Como eu adoro o Carnaval!

— Ah! e como tu tens o gosto diverso do meu!

— O que? Pois, tu não te divertes durante o Carnaval?

— Qual, filho, eu aborreço-me, aborreço-me, aborreço-me... Comprehendes?

— Francamente: creio porque tu o dizes; mas não comprehendo.

— Comprehendes, sim! E estou a apostar que és da minha opinião!

— Isso... historias! Eu sinto um prazer enorme em atirar e receber *confetti*; em gritar ao ouvido de cada conhecido « Você me conhece? »; em maxixar, nos jardins de theatros; em apertar as pernas das mascaras, que reconheço serem mulheres; em dar beijos nas Evas que vejo pela primeira vez e que naturalmente nunca mais verei; em trazer, no rosto, um simples nariz de papelão; em buzinar nos ouvidos alheios e sentir buzinar nos meus um cornetim vibrante e forte, em etc... etc...

— E's um carnavalesco endiabrado!

— Oh! diverte-me muito...

— Folgo com isso; porque vejo que o Carnaval se approxima e que vais ter quatro dias cheios?

— Cheissimos, meu velho.

— Então já sei fantasias-te!

— Isso não.

— Isso não, n'um carnavalesco como tu?

— E' verdade! mas, já sabes que ando a nenhum e uma fantasia, nos tempos que correm, custa muito sacrificio...

— Mas — que diabo! não tens guardada nenhuma das anteriores?

— Tenho; porém em misero estado!

— Concerta-a!...

— Ora, aproveitavel só tenho uma roupa de diabinho...

— E porque não sahes de diabinho; si a roupa está aproveitavel?

— Porque, na roupa, falta-me o principal: falta-me o rabo e tu sabes bem que um diabo sem rabo não é diabo, aqui, nem na casa do diabo!

— Pois não seja esta a duvida: eu detesto o Carnaval; mas, estou disposto, sempre, a dar-te um prazer: tens a roupa... eu dou-te o rabo!

— Vá feito.

FREI K. BAÇO.

P. S. — A minha roupa foi feita na casa do Fortunato, *Alfaiataria America do Sul*, rua da Carioca, 50.

— Então deve ser supimpa.

NOUVEAUTÉS

Protege-me Santo Christo
Tem dó de mim, tem clemencia!
Desta vez eu não rezisto
Si fôr de *arança* a Intendencia!

REPORTER.

APARAS

Na Recreio prepara-se, ao que sabemos, uma pachuchada que será exhibida no carnaval. Ao que nos dizem, a auctoria da peça será muito difficil de determinar, porque parece que a companhia inteira tem collaborado, salientando-se entre todos os auctores do novo monstrosinho, que ainda não foi baptisado, a actriz Pepa Ruiz, o emprezario Silva Pinto e o ponto Couto.

(Da *Noticia* de 27).

RECREIO. Esta semana *O buraquinho*, revista carnavalesca.

(Da *Gazeta* de 28, annuncios).

Sem duvida alguma *O buraquinho* de que fala a *Gazeta* é o mesmo tal *monstrosinho* a que se refere a *Noticia*. Ou a *Noticia* estava mal informada quando affirmou que o monstrengo não fora baptisado ainda, ou, então, o baptismo realisou-se immediatamente para que o phenomeno não morresse pagão. Mas o que nos causa, sobre tudo, serio embaraço, seria duvida, seria admiração é a auctoria da peça.

Será ella, effectivamente, da actriz Pepa, do emprezario Silva Pinto e do ponto Couto?

Que bases litterarias terão taes pessoas para apresentar assim uma peça ao publico?

Tractar-se-ha de uma revelação!

Desta vez, com certeza, é que o theatro se regenera. Alguem já nos fallou do escrupulo com que a peça está sendo feita; alguem já nos disse que a Pepa tem andado numa roda viva, consultando bibliothecas e livrarias toda afanosa, toda trabalhadora, toda atulhada de notas.

Oh! velho Apelles, que falta faz o teu celebre conceito a estes modernos sapateiros, que querem ir tanto além dos tacões!

E porque será que a coisa, sendo da Pepa, se ha de chamar *Buraquinho*? O augmentativo era muito mais adoptavel.

Nós quizeramos, catita,
Bem sonora rima em *epa*,
P'ra fazer uma visita
Ao *Buraquinho* da Pepa.

Buraquinho? Buracão
E' que elle devia ser;
Pois toda a população,
No monstrengo ha de caber.

Vamos ter novo buraco
— Oh! que coisa pittoresca —
Moderna *Coca de Coco*...
Só mesmo carnavalesca.

Loteria Mineira Agave Americano. — Extracções diarias, ás 5 horas da tarde, em Juiz de Fóra, com assistencia do Exm. Sr. Dr. Corrêa de Azevedo, Fiscal do Governo. Venda franca na Capital Federal. Agencia geral, rua Nova do Ouvidor n. 23, sub-agencia geral, Casa Seabra, rua Gonçalves Dias n. 50.

SCISMA

O Barão ultimamente implicára com as musicas a quatro mãos!...

Quem o conhecesse, a elle, tão methodico, tão economico, tão zeloso do seu dinheiro e do seu bem estar, não se admiraria muito da sua ultima implicancia.

Não queria... e estava acabado! Scismára com aquella historia. Faziam muito ruido, muita bulha... Não, decididamente lhe não entravam mais em casa as taes musicas a quatro mãos. «Forte massada! dizia S. Ex., forte massada! Além de incommodo é puxado! E isto sem contar com as consequencias!» E' repuxando as suas longas suissas douradas, S. Ex. ia dizendo com todo o seu ar de autoridade que «não senhora, que eram excusados mais pedidos. Que a sra. Baroneza tivesse paciencia, mas estava acabado. Não se falava mais nisso. Era dar de mão daquillo. As taes de quatro mãos nem por um decreto... Não lhe entravam mais em casa. Era excusado peditorios e choros... Musicas a duas mãos não faltavam, e muitas e, bonitas! Era tocal-as, porque as outras, não senhora... Não se falava mais nisso!»

A Baroneza não se podia conformar com aquella exigencia do marido. Que mal faziam as musicas a quatro mãos! Era uma arbitrariedade! A eterna historia da subjugação pela força! «Elle era o homem, era o forte, dizia, e abusava assim da sua fraqueza.»

Um cavaquinho solemne, esse da Baroneza! Ella, trêfega, alegre, bonita e com 18 annos, sujeitar-se assim resignadamente a uma tyrania do sr. Barão... Era um horror! «E demais, continuava ella, e demais que mal fazia aquillo! que mal fazia que ella e Jóca tocassem a quatro mãos, alli, sérios e graves, no canto do salão, naquelle amplo piano de cauda!» Não! era uma injustiça do marido; e, como se não conformasse com o papel de victima a que o sr. Barão a queria obrigar, ella ceradinha e chorosa, de braço dado com o Jóca, lá se fôra, procurar as outras pessoas da casa.

Era preciso uma intervenção! E o proprio Jóca, poeta lyrico da visinhança, que tão boas horas os tinha feito passar e que gosára sempre da estima particular do Barão,—o proprio Jóca não tivera outro remedio senão desconcertar...

Estava o diabo aquillo! «Para que havia de dar o diabo do homem! Ora quem já tinha visto disso?! Sempre apparecia cada uma!»

S. Ex., entretanto, continuava inflexivel! « Não, senhores, não convinha disso! Se quizessem fazer musica — que fizessem! Elle até tinha muito gosto. Não fossem ahi dizer que elle não comprehendia a arte... Não senhores, comprehendia e muito! Olé! Até de sobra! Até de sobra... mas a duas mãos! A quatro não ia, concluia o Barão, a quatro não ia, e que elles se deixassem daquillo.»

A Baroneza e o Jóca adiantaram-se então indignados. « E porque? E porque, perguntavam, e porque razão? Qual era a razão disso? Tudo tinha uma razão... Que dissesse, sim, que dissesse...

S. Ex. procurou com vagar a sua calma e respondeu-lhes em tom reflectido que «a razão daquillo era que elles não tocavam nunca a quatro mãos e sim *a tres*.»

« A tres!? » disseram os dois. E o Barão, sempre calmo, confirmava, que *a tres*, sim senhores, e demais, dizia, aquella historia de quatro mãos não dava tempo a virar as paginas e endireitar as velas, de maneira que elle estava com o tapete completamente estragado de pingos de espermacête. Não, decididamente, lhe não convinha as taes musicas a quatro mãos!...»

BOCK.

THEATRO DO RIO NU'

Collecção de monólogos, cançonetas, scenas comicas e poesias

O ENTERRO DA SOGRA

CANÇONETA

Repertorio de Edmundo André

I

Estou com os olhos rasos d'agua !
Porque minha sogra morreu.
Mas era maior a minha magua
Emquanto ella aqui vivêu !
Desde o dia do meu noivado
Commigo ella veiu morar.
Mas lá para onde se mudou
Ha de se accommodar melhor.
Lagrimas de sobra
Sempre hei de chorar,
Pois a minha sogra
Venho de enterrar ! (*Bis*)

II

Comquanto eu seja muito gelado,
Não sei no primeiro momento
Como tive forças p'ra supportar
Um tão triste acontecimento.
Não sei como é que sem ella
Poderei a vida levar.
Resolvi, pois, acompanhal-a,
Ao menos para ver enterrar.
Lagrimas de sobra
Sempre hei de chorar,
Por tão cara sogra,
A' quem soube amar. (*Bis*)

III

Ella era uma creatura humilde,
Que tinha bom coração.
Isto é, quando não me chamava
De bandido ou ladrão.
Mas, para poder corrigil-a,
Dois annos depois de casado,
Appliquei-lhe quatro tabefes,
Ficou com o genio mudado !
Lagrimas de sobra
Sempre hei de chorar,
Pois tão boa sogra,
Nunca hei de encontrar. (*Bis*)

UM CAMARIM DE ACTRIZ

A' porta da grande tragica Tamanã, durante um bom quarto de hora, o general Chanor, desesperado de raiva, bate com os pés e com as mãos como um surdo, proferindo a meia voz pragas atrozes. Por fim uma creada de quarto vem abrir-lhe a porta, e o general entra furioso no camarim, como se fosse estrangular tudo; mas fica estupefacto e deslumbrado pelo sorriso ingenuo da actriz.

Agachada no chão sobre o tapete branco de velludo, Tamanã joga uma partida d'*écarté* com o grande dramaturgo Taravant, accocorado como ella, e de quem os bons olhos pretos, o cabello encarapinhado e erguido para o céo e a rutilante face espirituosa de labios escarlates, exprimem uma alegria tranquilla. Emquanto a Tamanã, ella, que nessa noite representa *Phédra*, está vestida á antiga, de vermelho e côr de rosa, com um excentrico vestido á japoneza, e adornada com joias de ouro falso, perfeitamente copiadas das do museu Campana. As suas meias de malha, de uma côr de rosa muito desmaiado, moldam graciosamente as suas pernas e as unhas dos seus pequenos pés, e, ao mesmo tempo que está jogando, fuma um cigarro de tabaco turco.

— Com mil raios ! ama entrando pela porta dentro o general Chanor.

— Ah ! o general é ciumento ! diz Tamanã, ao passo que seu parceiro olha curiosamente para o militar, como uma creança olha para um besouro irritado. Ciumento ! de quem ? de Taravant ? Ah ! meu general, este nunca me beijou nem a ponta dos dedos ; mas fique sabendo que foi sómente porque nunca o desejou ! Pois é preciso que comprehenda isto, finalmente ! Taravant póde dar-me papeis, mil papeis, todos os papeis; e visto isso, eu que bebo o Château Margaux n'um copo afagado de arabescos de ouro, eu que sou adorada e servida de joelhos como uma rainha, para ter um unico bom papel, um apenas, lamberia a lama da rua, e limparia o chão com a minha lingua !

OS ESCANDALOS DO RIO

Começaremos em nosso primeiro numero, a publicação, em forma de folhetim, dos ESCANDALOS DO RIO.

Factos todos passados n'esta capital, foram elles extrahidos da carteira de notas de um conhecido reporter de policia e adequados no feitio do nosso jornal por dois dos seus maior assiduos collaboradores.

Velados sempre por um pseudonymo os nomes dos protogonistas d'esses casos verdadeiros e sensacionaes, verão os nossos leitores perpassar pelos seus olhos scenas e personagens que lhes são bastantes conhecidos.

OS ESCANDALOS DO RIO merecem ser lidos e meditados.

TIM TIM POR TIM TIM

Revista de Souza Bastos

PARTE CANTANTE

Primeiro Acto

N. 1

CORO DE NYMPHAS

Que brisas suaves
Nos vêm afagar !
E cantam as aves
Sem nunca cessar !
Aqui respiramos
Bem gratos aromas ;
A' sombra das pômas
Tambem repousamos

EUCHARIS

Felizes, ditosas,
Ninguem mais deseja !
Vivemos quaes rosas
Que a brisa bafeja !
Nenhuma eu eclypso
Na vida o frescor !
Da deusa Calypso
Nós temos o amor !

CORO

Que brisa suave !
etc., etc.

N. 2

CORO DE NYMPHAS

Nobre deusa, sê bemvinda !
Novidade ha com certeza !
Nessa face pura e linda
Hoje só reina a tristeza !

CALYPSO

A historia dos meus amores
Vai dar um novo poema !
E os jornaes vão ter o thema
P'ra causar-me dissabores !
O azar lançou-me a lava,
Não lhe posso resistir...
Outra vez fico viuva,
Pois que Ulysses vai partir !
Oh ! mas que horror !
Cruel tormento !
Nem um momento
De paz, de amor !
A triste sina
Hei de cumprir !
Sorte mofina
Vai decidir !

CORO

Oh ! mas que horror !
Cruel tormento !
Nem um momento
De paz, de amor !
A triste sina
Ha de cumprir !
Sorte mofina
Vai decidir !

N. 3

ULYSSES

Vou-me embora, já são horas,
Tenham saude por cá !
Ter não posso mais demoras...
Adeusinho, sinhá !
Sinhá, minha sinhá ! (*3 vezes*)
Ui !
Adeusinho, sinhá !

CORO

Sinhá, minha sinhá !
etc. etc.

CALYPSO

Tem por lá muito juizo,
Poupa bem e volta só !
Tens cá tudo o que é preciso...
Adeusinho, nhonhô
Nhonhô ! ai, meu nhonhô (*3 vezes*)
Ai !
Adeusinho, nhonhô

CORO

Nhonhô, ai, meu nhonhô
etc., etc.

N. 4

COPLAS DE MERCURIO

Sou filho q'rido de Jupiter,
Que a bella Pleiade amou !
Ninguem a lyra d'Apollo
Como eu jámais dedilhou !
Meu pai me deu incumbencia
De cousas particulares ..
P'ra ser ligeiro me poz
Duas azas nos calcanhares !
Sou o deus da eloquencia
De Cic'ros 'stou sempre ao lado !
Em Lisboa eu passo a vida
Como o capitão Machado !
Sou tambem deus dos espertos
E por isso ás vezes erro !
Tambem já fui director
Lá dos Caminhos de Ferro.

N. 5

COPLAS DO ESTIO

Minhas irmãs desculpa !
Attenção ! muita attenção !
Eu sou o ardente Estio,
Eu sou o formoso V'rão !
As industrias eu animo,
Sou dos pobres protector !
Aos velhinhos sou n'rrimo !
Só eu dou vida e calor !
Eu não faço cerimonias
No que venho aqui dizer ;
Trago as minhas festasinhas...
Que ham todos me attender !
Sou estação das alegrias,
Tenho tudo em polvorosa !
São no Estio as romarias
Em que o povo tanto goza !
Os devotos em fugata...
Vão os outros em estrada !...

IRMÃO DE CYRIO

Ai, que dias de frescata
Eu passei lá na Atalaya !

ESTIO

Quem a ti não gosta
D'agua fresca em pleno Estio ?

MARCHAND D'EAU

Sou de prender marchand d'eau
Que appar'ceu lá no Rocio !

ESTIO

Póde ser qualquer malvado
Contra mim intrigas forge ;
Mas terei sempre ao meu lado
Os pratinhos de S. Jorge !
Podem elles com razão
Quanto eu faço bem louvar !

PRETO

Em chegando a procissão
Não deixamos de tocar...
Tra ta ta ta ta

ESTIO

E depois que brincadeira
Em chegando o Sant'Antonio !
Lá na Praça da Figueira
E Rocio... que demonio !
Lá vão velhos e meninos
Toda a noite alli passar !
As varinas e varinos
Nunca deixam de cantar !

VARINA

Sendo tu o meu «Manél»
Eu vou ser tua Maria !
Quanto mais p'ra mim te chegas,
Mais eu canto d'alegria !

N. 6

COPLAS DO OUTONO

OUTONO

Sim, sou eu, eis o Outono !
Eis a estação fresca e bella !
Fallam sempre em meu abono
A casada e a donzella !
E' no meu feliz reinado
que se vê bem satisfeita
Toda a gente, por chegado
Ser o tempo da colheita !
A vindima terminada,
Faz a todos alegrar
A bebida desejada
Todos a querem provar !
Contra mim se a intriga lavra,
Bem depressa aqui a esmago ;
Pois que vou dar a palavra
Aos amigos que aqui trago.

CAÇADOR

Passo a vida feito um mocho,
Seja inverno ou seja v'rão ;
Porém chega o bello Outono,
Sinto em mim transformação !
D'espingarda e polvarinho,
Passo os dias bem felizes,
A correr todo o caminho
Sempre em busca das perdizes !

OUTONO

Que diga agora o banhista
Se ao prazer sou refractario ?

BANHISTA

Porventura ha quem resista
A uma estação balnearia ?
A bella vida das praias
Tem milhar's de sensações !
Na terra as damas de saias...
No mar de curtos calções !
Pic-nics, jogo audaz,
Bons namoros eu apanho !
Na praia tudo se faz ..
Menos, porém, tomar banho !

OUTONO

E em petiscos são capazes
De não dar-me o seu apoio ?

VENDILHÃO DE CASTANHAS

Vá lá, as quentes, rapazes !

MULHER DOS QUEIJOS

Quem merca o queijo saloio ?

N. 7

COPLAS DO INVERNO

INVERNO

Se o Outono mais o Estio
Tem encantos, tem belleza,
Apezar da chuva e frio,
Tem o Inverno nobreza !
Sou a estação feiticeira,
Dos bailes, das soirées,
D'alegria verdadeira
Nos theatros, nos cafés !
E de quantos eu não sou
Desvelado protector ?
Se nesse alguem duvidou ;
Que lhe responda o Actor.

ACTOR

Eu não sei com que criterio
Se admitte uma tal pratica ?!
E' o Inverno o salvaterio
Da infeliz Arte Dramatica !
O pobre artista no v'rão,
Se não fez como a formiga,
Nunca apanha indigestão,
Traz a seda na barriga !
Um inimigo, um apenas,
Porém esse de respeito !
'Streméceu todas as scenas
Em frente d'este sujeito !

PALHAÇO

E' que cousa tenho eu dito ? !
Enche o circo como um ovo ;
O Colyseu tem feitiço ..
P'ra lá vae em chusma o povo !

ULYSSES

Lá d'isso não posso eu ;
Houve sempre d'essas scenas !
Pois hei de ir ao Colyseu
Ver os brutos e as pequenas !

DILLETANTE

O' Inverno dos meus encantos
Como eu te sou obrigado !
Offerte prazer's tacs e tantos,
Que me tens sempre a teu lado !
Meyerbeer nunca esqueça
E's a estação mais galante !
Lá do Lyrico na platéa
E' quem vive radiante !
Mas nunca não entendem

MODINHAS BRAZILEIRAS

O CÉO RECAMA-SE

O céo recama se
de nuvens rorida,
formando, floridas,
grato arrebol !
Ergue-se, esplendido—
das plagas ceruleas,
beijando as perolas
da flor—o sol !

As trêvas funebres,
recuam pavidas,
as luzes avidas,
lhes rompe o véo !
Lá fogem rapidas
nas côres lividas...
Outras mais vividas
surgem do céo !

Gargeiam passaros
no bosque umbrifero,
ar odorifero
derrama a flor !
A brisa, em osculos,
vae, doude e humida,
tornal-a tumida,
lhe dar vigor !

O rio, soffrego,
roja-se tepido
e corre lepido,
sem murmurar !
Nas azas limpidas,
suspensa, extatica,
ave selvatica
paira no ar.

A terra inunda-se
de luz asceptica,
painel de estetica,
d'ouro e d'anil !
Nest'hora sente-se
em cada musculo
brando crepusculo
vibrar subtil.

A onça erguendo se
da cova frigida,
vai, com a mão rigida,
gozos fruir !
Pulando, tetrica,
no solo torrido,
desprende um horrido,
negro rugir !

O bardo extatico,
vate romantico,
soltando um cantico,
bemdiz os céos !
O infante, em jubilo,
com peito flaccido,
rezando, placido,
murmura : O' Deus !

(*Do Cancioneiro Popular*).

FOLHETIM EM PE

D. AMANDA

I

Eu assistia a uma festa em solemnisação ao anniversario natalicio de D. Amanda, — bonita mulher apezar de quarentona, — respeitavel esposa do não menos respeitavel commendador Lucas Moraes, um dos mais distinctos próceres da aristocracia da Capital, instantemente considerado e invejado em sua vida de opulencia e de felicidade.

O commendador, — homem de seus cincoenta annos, gastos segundo demonstrava, sem dispendios imprudentes, apresentava ainda o animador aspecto de uma vitalidade rija. Era um typo sympathico.

Não tinha filhos o feliz casal.

II

Eu não tinha a elevada honra de cultivar relações de amisade com a excellente e respeitabilissima familia Moraes ; e se achava-me em sua casa, num dia de festa intima e sumptuosa como aquella, abrilhantada pelo que havia de mais selecto no *grand monde* residense, era porque alli estava no desempenho da delicada incumbencia a que me não podéra furtar, de entregar a D. Amanda, propositalmente em dia tão solemne, da parte de uma sociedade philantropica a que eu pertencia, o titulo de socia benemerita.

Eu era o orador da commissão para tal fim alli enviada e havia sido escolhido, bem como os meus companheiros de representação, com toda a cavalheiresca gentileza que era para esperar de gente tão distincta.

D. Amanda gosava, entre outros nobilissimos creditos, o de senhora muito caritativa.

Não tinham conta os seus actos de beneficencia praticados de collaboração com o esposo, no sentido de suavisar as agruras da orphandade indigente, da viuvez desamparada, da mendicidade publica e privada, da miseria, emfim, sob qualquer lamentavel aspecto que se manifestasse provocando a compaixão daquella nobre alma.

Isso era o que fóra se dizia e se repetia por informação, com os commentos elogiativos que tão caridosas acções provocam sempre em todos os espiritos rectos.

Foi nesse dia que eu tive occasião de constatar a exactidão de taes asserções, verificando até que ponto essa bondosa senhora praticava o culto da caridade.

Foi nesse dia.

III

A commissão (eramos tres que a constituiamos) chegou á residencia Moraes ás seis horas da tarde, em carro descoberto,—um *coupé* quasi novo, e toda ella vestida irreprehensivelmente. Pareciamos, os que a compunhamos, uns diplomatas indo á recepção de alguma embaixada.

Além de um grande e bonito *bouquet* de flores naturaes, eu levava, em papel pergaminho dobrado em quatro, dentro de uma riquissima caixa forrada de pelucia carmezim, o honroso titulo destinado a D. Amanda.

A commissão, que já era esperada, fez entrada solemne no salão luxuosamente guarnecido de moveis e artefactos primorosos, sendo recebida pelos donos da casa e por numeroso grupo de personagens conspícuos.

O desempenho da incumbencia, por combinação prévia, somente teria logar á mesa, por occasião do jantar, dalli a pouco, quando os brindes fossem iniciados, para maior solemnidade do acto.

E assim aconteceu.

IV

Francamente, bem poucos banquetes familiares eu assistira tão magnificentes como aquelle.

Entre os convivas, para evitar as minudencias de uma vasta nomenclatura, basta-me dizer que achava-se representada numerosamente a fina flor da gente do bom tom.

A mesa, disposta para cincoenta talheres, continha iguarias delicadas e exquisitas, capazes de fazerem desmerecer as que, nos tempos idos, constituiam as delicias dos festins de Lucullo.

O commendador exultava de jubilo, notando nas physionomias dos convivas a admiração que toda aquella opulencia provocava.

D. Amanda, a cujo lado direito fui collocado, por especial deferencia, não desfazia o bondoso sorriso que lhe enflorava sempre os labios grossos e carminados,—tudo ella attenções e ditos de bom gosto, reveladores de seu espirito cultivado, para quantos lhe ficavam proximos, —esplendida de adornos scintillantes a realçarem a sua belleza de matrona bem conservada.

V

Lá para as oito horas começou o *desert*.

A natureza da missão de que eu estava incumbido naquella festa, exigia que eu fosse o primeiro a usar da palavra. Fil-o pois, demorando-me de taça em punho por espaço de meia hora, durante a qual todos me acompanharam religiosamente de pé.

Não fosse o defeito de uma dicção má, que me atrapalha um tanto os rasgos oratorios, e teria, creio, produzido uma peça magnifica.

A' parte, porém, o diabo do defeito, de que me não consigo libertar por

fórma alguma, pude desembuchar o discurso que conservava decorado, havia uns oito dias, de modo a causar successo ao auditorio, — intellectualmente selecto, em grande parte.

O thema era esplendido para armar ao effeito, — excepto que eu naquella occasião, mais do que em outra qualquer visava, especialmente por causa de uns olhos adoraveis que me fitavam promettedoramente, desde que me sentara á meza.

Discorrendo sobre a caridade, quem alli, senhor do papel que representava synthetisei nas acções philantropicas de D. Amanda, — e para o que me serviu de vallosissimo subsidio a demorada leitura que havia, dias antes, feito do notavel discurso sobre este thema proferido por Vieira de Castro, — peça da qual plagiei, descarada e parece-me que impunemente, mais de uma felicissima imagem — cheguei a attingir ao pathetico, fazendo com que alguns lenços bordados e perfumados recolhessem lagrimas furtivas. Os olhos de D. Amanda, e os que me fitavam promettedoramente, verteram algumas dessas, para meu maior triumpho.

(Continúa)

O DIABO

Tinham mettido tantas caraminholas na cabeça da pobre Luizinha, que a coitada, quando, ás dez horas, apagava a luz, mettida na cama, vendo-se no escuro, tinha tanto medo, que começava a bater os dentes... Pobre Luizinha! que medo, que medo que ella tinha do diabo!

Um dia, não póde mais! E no confessionario, ajoelhada diante do padre João, abriu-lhe a alma, e contou-lhe os seus sustos e disse-lhe o medo que tinha de ver uma bella noite o diabo em pessoa entrar no seu quarto, para a atormentar...

Padre João, acariciando o bello queixo escanhoado, reflectiu um momento. Depois olhando com piedade a pobre pequena ajoelhada, disse gravemente:

— Minha filha! basta ver que está assim preoccupada com essa idéa, para reconhecer que realmente o Diabo anda a perseguil-a..

— Ai, senhor padre! que ha de ser de mim?! tenho a certeza de que, se elle me apparecesse, eu nem forças teria para gritar...

— Bem, filha, bem... Vejamos: Costuma deixar a porta do quarto aberta?

— Deus me livre, senhor padre!

— Pois tem feito mal. Filha, tem feito mal... Para que serve fechar a porta, se o Amaldiçoado é capaz de entrar pela fechadura? Ouça o meu conselho... Precisamos saber se é realmente Elle que quer atormental-a... Esta noite reze, deite-se e deixe a porta aberta... Tenha coragem... A's vezes, é o Anjo da Guarda que inventa estas coisas para experimentar a fé das pessoas. Deixe a porta aberta esta noite. E amanhã venha dizer-me o que se tiver passado...

— Ai! senhor padre! eu terei coragem?..

— E' preciso que a tenha... é preciso que a tenha... vá... e, sobretudo, não diga nada a ninguem.. não diga nada a ninguem...

E, deitando a benção á rapariga, mandou-a embora. E ficou assinho, sósinho e acariciando o bello queixo escanhoado...

....

E, no dia seguinte, logo de manhã cedo, já estava o padre João no confessionario, quando viu chegar a bella Luizinha. Vinha pallida e confusa, atrapalhada e medrosa. E, muito tremula, gaguejando, começou a contar o que se passara...

— Ah! meu padre! apaguei a vela, cobri-me toda muito bem coberta, e fiquei com um medo... com um medo... De repente senti que alguem entrava no quarto... Quem quer que fosse, veio andando devagarinho, devagarinho, e parou perto da cama...não sei... perdi os sentidos .. e...

— Vamos, filha, vamos..

—... depois, quando acordei... não sei, senhor padre... era uma cousa...

— Vamos, filha, era o Diabo?

— Ai, senhor, padre... pelo calor, parecia mesmo que eram as chammas do inferno... mas...

— Mas o que, filha? Vamos!...

— Ai, senhor padre .. mas era tão bom que até parecia mesmo a graça divina..

(Do *Livro de Rob*)

O LUAR

Insomne, a moça Luiza
Salta do leito, em camisa...
Verão! verão de rachar!
Calor! calor que devora!
Luiza vai dormir fóra,
Ao luar.

Ardente noite estrellada...
Entre as plantas, descansada,
Põe-se Luiza a rolar.
Dorme toda a Natureza...
E que esplendor! que belleza
No luar!

Olha-a o luar com ciumes...
E sahem vivos perfumes
Do jardim e do pomar:
E ella, em camisa, formosa
Repousa, como uma rosa,
Ao luar!

Mas alguem (fantasma ou gente?)
Chega-se prudentemente,
Para o seu somno espreitar...
— Alguem que, ardendo em desejo,
Lhe põe nos labios um beijo,
Ao luar...

Ella dorme... estrelladinha!
Nem o perigo adivinha.
Pobre! a dormir e a sonhar...
Sente o beijo... mas parece
Que é um beijo que ate que desce
Do luar...

A lua (dizem-n'o os sabios...)
Tambem tem bocca, tem labios,
Labios que sabem beijar.
Luiza dorme, em camisa..
Como é formosa a Luiza
Ao luar!

Vão depois correndo os mezes,
Entre risos e revezes
— Começa a moça a engordar...
Vai engordando, engordando...
E chora, amaldiçoando
O luar...

Já todo o povo murmura.
E, na sua desventura,
Ella só sabe chorar:
Chora e diz que não sabia
Que tanto mal lhe faria
O luar...

E o pai, que é homem sizudo,
Homem que percebe tudo,
Pergunta-lhe a pragueijar:
«Que é que tu tens, rapariga!?»
E ella: «Eu tenho na barriga...
O luar!»

PREMIOS DO «RIO NU»

No nosso penultimo numero foi premiado: no *Motte a concurso*, SAMPAGUITA que obteve o primeiro logar; na *Nossa adivinha* foi CHAMINÉ que primeiro conseguiu matar todas as questões. Podem ambos vir ao nosso escriptorio receber o premio.

—

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta secção. Daremos em cada numero dous versos que devem ser glosados pelos concurrentes, obtendo, como premio, aquelle que melhor collocação tiver, um volume a escolher da *Collecção Popular Moderna*, editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

O resultado deste concurso será sempre publicado com intervallo de um numero, recebendo nós as glosas até o dia da publicação do numero antecedente.

Para o motte—

Dizia a Rosa afobada:
Ai! meu Deus, que comichão!

Recebemos as seguintes glosas:

«Não brinca! Não tomo nada,
Tira essa coisa daqui.
Que coisa .. assim nunca vi...»
Dizia a Rosa afobada.
Porém, venci, e a coitada
Foi fazendo o que eu pedia,
Nervosa, emquanto gemia,
Rubra como um pimentão,
Com voz que os ares feria:
Ai! meu Deus, que comichão!

SAMPAGUITA.

Da vida desesperada,
Numa passagem da lua,
Em plena porta da rua,
Dizia a Rosa afobada,
Sem dar attenção a nada,
Como quem perde a razão:
«E' chegada a occasião,
Desta vez eu sei que morro.
Oh! gentes! chegueia!... soccorro...
Ai! meu Deus, que comichão!

B. RICO

—

Parecia não ser nada,
Mas cousa assim nunca vi!
Mostrando sempre: «E' aqui.
Dizia a Rosa afobada,
Deveras incommodada.
No olho levava... a mão,
Com grande sofreguidão,
Com gesto passava... o dedo,
Dizendo com arremedo,
Ai! meu Deus, que comichão!

O. PUNCAS.

—

Meu Levianus, hoje nada
Comigo podes fazer,
Dando-me tudo a entender
Dizia a Rosa afobada;
Então eu... que criançada!
Fazendo me valentão
Lhe disse: não faz mal, não;
Porém, depois, no outro dia,
Na minha cama dizia:
Ai! meu Deus, que comichão!

LEVIANUS.

—

Hontem no quarto saida
Assim com ar decidido
Ao seu querido marido
Dizia a Rosa afobada:
Então, seu Zé, não vai nada,
'Stás ficando um molleirão,
Olhe bem seu magnatão...
Faça ponto na molleza.
Qu'eu já estou... em fogo acesa...
Ai, meu Deus que comichão!

A. A. NATICO.

—

Tendo a guéla apertada,
Engasgou-se c'uma truta!
Qual mãi Eva com a fructa.
Dizia a Rosa afobada,
Com a truta atravessada:
Que maldita entalação,
Logo nesta occasião;
Mas o geito procurando
Foi engulindo, e gritando
Ai, meu Deus, que comichão!

D. TOMATE.

—

Em um canto atraz da escada
Elle e ella, os dous pegados
N'um vaivem embalançados
Dizia a Rosa afobada:
Acabe com esta massada
Oh! seu grande moleirão
Não me responda que não.
Commigo... ha... de se casar!...
Estou... quasi... a... denunciar
Ai, meu Deus, que comichão!

DR. CURINGA.

—

Só recebemos até sexta-feira as glosas deste motte. As que nos chegarem depois, serão inutilisadas.

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte:

Dizendo sempre que não,
A Rosinha foi pegada.

As glosas devem vir em tiras, escriptas de um só lado.

NOSSA ADIVINHA

«Honny soit qui mal y pense».

I

Este instrumento deixa nos herdeiros esta embarcação—1—2.

DR. CURINGA.

II

A mulher com duas pontas é homem—3—1.

P. LADO & C.

III

A letra redonda é tempero—1-2.

A. A. NATICO

IV

O membro do Rodrigues é gostoso—1—1.

FREI K. OLHO.

V

O homem que tem alienação mental gosta de musica—2—3.

K. MARÃO

VI

De queixo este homem come se —1—1.

PAPAGAIO & PAPAGHELLOS.

VII

O senhor na Hespanha o no inferno é do *Rio-Nú*—1—2.

* * *

VIII

CHARADA CASAL

Elle nas calças, ella no theatro—2.

DEDÓ JUNIOR.

IX

LOGOGRIPHO

(AO MAGNANIMO FREI K. OLHO)

Collega, amigo Frei K. Olho—18—1—25 —3—37,
Toma cautella e com a mão—20—31—39 10—2—1,
Não deixes tremer-te ao olho—16—35—9— 21—13—1,
Nem tampouco ao... coraç o—11—8—22 41—36—15

Sei que me torno enfadonho—31—21—6 40—28—3—11—41
Buscando complicações,—14—2—17—21—36,
E se eu um cimo me ponho—28—12—30 9—19.
E só p'ra dar-te... questões—1—33—29

26—5—12—21—40
Não me dês, portanto, a morte,—24—10 10—42—29—17—18—26.
Não me deixes, pois, rolar—7—30—21 31—21—9.
Este logar, que por sorte—27—18—39.
Tanto custei conquistar.

P'cabo me sempre na frente
Quando me pegas com a mão,
E ficas muito contente
Por só custar um tostão.

FREI K. PAPO.

X

VERSOS A CONCLUIR

Vir do sul no mez de Agosto
Com a noiva de paquete,
Dando ligas ao grumete
Tel-a no braço em recosto.

E no convez ao sol posto
Desapertar o collete
Da donzella que promette
Deixar-se beijar o rosto... !

Por este facto da vida
Hoje suspiro e dou ais
E por pouco enlouquecia.

E' que essa mulher querida
Logo que saltou no cais
Foi cahir na... ?

CAMBEONE.

XI

CHARADAS A VAPOR

A's direitas certa fructa
Podes comer a fartar
A's avessas, estou certo
Que bem suave has de achar. — 3

COCEGAS & COMICHÕES.

XII

A's direitas, ás avessas
Uma planta encontrarás
Procura bem, charadista,
E na cousa pegarás. — 2

PIPAROTE.

XIII

ENIGMA

(AOS COLLEGAS)

V C X $

D. VASCO.

XIV

PERGUNTAS E RESPOSTAS

O que é? O que é?

O que é, caro leitor
Que nunca quereis ter
Mas se tiveres um dia
Jamais quereis perder.

PARASITA.

Só recebemos as decifrações deste numero até sexta-feira. Serão inutilisadas as que nos chegarem depois.

As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervallo de um numero, recebendo nós o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.

Ao primeiro decifrador daremos, como premio, um volume, á escolha, da *Collecção moderna*, bibliotheca editada pelo livreiro Domingos de Magalhães.

Acceitamos collaboração, que nos deve ser enviada em tiras escriptas só de um lado.

—

Os *pontos*, n'este torneio, são contados, um, por questão decifrada ou por trabalho publicado.

Servem taes *pontos* para a distribuição dos premios, que faremos aos cinco primeiros collaboradores e decifradores, no fim do mez corrente.

Decifrações e decifradores do n. 59:

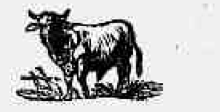
Propuzemos 14 questões, cujas decifrações são as seguintes:

[illegible], Corrimão, Laranja, Sapato, Trovador, Saúde, Assucarada, [illegible], Tome com calor se pega, [illegible], Jacaré, Frege e Pato.

Decifraram:

Levianus 14, Cha-Miné 14, Parasita 12, A. A. Natico 9, Valete de Ouros 11, Endivias 14, K. H. L. L. Dr. Curinga 9, Cha Pudo 13, Chapéleta 11, Myosotis 14, Coregas e Comichões 14, K. Marão 8, K. Homem 11, Frei Guzzia 9, K. C. Poré 9 e Dedó Junior 14.

QUEBRA-CABEÇAS

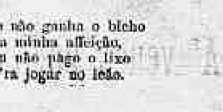


498

27 45

444

459



340

Se não ganha o bicho
Da minha affeição,
Eu não pago o lixo
P'ra jogar no leão.

QUINTO CONCURSO

Resolvemos abrir permanentemente um concurso quinzenal para trabalhos em verso e trabalhos em prosa. Os trabalhos em prosa nunca devem exceder um maximo de oitenta linhas nem ser inferiores a quarenta. Os em verso um maximo de sessenta e um minimo de doze. Os auctores dos dous trabalhos classificados em primeiro logar pelo seu espirito, (um em prosa, outro em verso) terão um premio de

VINTE MIL RÉIS

Todos os originaes devem ser assignados com um pseudonymo e num *enveloppe* fechado, á parte, acompanhal-os-ha uma declaração de pseudonymo, do verdadeiro nome do auctor, residencia e do titulo do trabalho, na parte externa do *enveloppe*.

Os trabalhos publicaveis sel-o-hão á proporção que forem chegando, sendo entretanto respeitados os *enveloppes* que trouxerem as declarações pedidas e que só serão abertos uma vez terminada a publicação dos trabalhos.

Conhecendo o publico o valor destes, tão bem quanto nós, poderá verificar a justiça com que procederemos na classificação.

Assim, fica aberto o quarto concurso, que será encerrado no dia 31, ultimo marcado pelo jury, para recepção dos originaes.

Para collaboradores dos Estados serão respeitadas as datas dos carimbos do correio.

PORTARIA

A' quellas pessoas que se distinguem com sua collaboração, fazemos notar outra vez que só nos serve o que tiver malicia sem obscenidade. Não publicamos pseudonymos homonymos.

As columnas do nosso jornal são, entretanto, francas, mas dentre a collaboração que nos fôr enviada, reservamo-nos o direito de fazer a nossa escolha.

A todos quanto queiram fazer qualquer reclamação pedimos o especial obsequio de vir no nosso escriptorio, pois que é para nós completamente impossivel responder á grande quantidade de cartas recebidas.

ANNUNCIOS

CHARUTARIA CASTELLÕES

Unica que recebe cigarros
S. Luiz do Parahytinga;
Barbacena (Vallo);
Espirito-Santo do Pinhal;
Baependy;
Sitio;
Borboleta.

DEPOSITO DOS CIGARROS ITATIAYA
GUIMARÃES & C.
71 Largo do Rosario 71
S. PAULO

CERVEJARIA BRAHMA

FRAZISKANER BRÄU — CERVEJA PILSENER

Rua Visconde de Sapucahy Ns. 140, 142 e 144

Caixa do correio n. 1.205 — Telephone n. 11

Temos a satisfação de participar aos nossos freguezes e amigos que as construcções novas para augmento de nossa fabrica estão terminadas, podendo nós de ora em diante TRIPLICAR A PRODUCÇÃO da cerveja, a qual continuará a ser bem depositada nas Camaras frigorificas durante cerca de dez semanas.

Em base do acima citado podemos recommendar como cerveja superior as nossas marcas "Franziskaner Bräu e Cerveja Pilsener", em barris automats, garrafas e caixas de 48 inteiras ou 72 meias garrafas para exportação para o interior.

Pela maior producção estamos igualmente habilitados a trabalhar mais em conta e conceder maiores vantagens nos preços, resolvendo então fixar de hoje em diante a seguinte tabella:

POSTO EM DOMICILIO

Cerveja em barris (chopps) litro, incluindo o sello		$800
" " Automats " " "		$900
25 garrafas Franziskaner Brau incluindo o casco e sello		23$000
50 " " " " "		46$000
100 " " " " "		90$000
200 " " " " "		170$000
500 " " " " "		420$000
1000 " " " " "		810$000

Meias garrafas em qualquer porção de 25 para cima á 600 réis cada uma (incluindo casco e sello)

Pelas garrafas vasias pagamos:

Por garrafas ou meias garrafas com o nossso rotulo..... 150 réis
Por garrafas ou meias garrafas lisa e clara sem o nosso rotulo..... 130 "

Rio de Janeiro, em Janeiro de 1899.

GERG MASCHKE & C.

CONTOS PARA VELHOS

DE

BOB

Um elegante volume com capa illustrada a duas cores

2$000

Romances a 1$000

PAULO DE KOCK

Gustavo, o Estroina, A Dama dos Tres Espartilhos
A Menina das Tres Saias, A' Procura de Noiva.

ANSELMO RIBAS

A SEARA DE RUTH

PAUL FÉVAL

A CREOULA.

JULIO MARY

Paixão e Odio

H. P. ESCRICH

A VISINHA DO POETA

MAGDALENA

ALEXANDRE DUMAS

VINGANÇA CORSA

PAULO DE KOCK

OS SETE BAGOS DE UVAS

A Vereda das Ameixas

TEIXEIRA E SOUZA

Maria, a menina roubada

A' venda no escriptorio desta folha

PIANOS DE PLEYEL

Bord, H. Herz, Kuhse, Gaveau, Schiedmayer, Rosenkranz e outros auctores

VENDEM-SE POR PREÇOS MODICOS

NO

Antigo Estabelecimento de Pianos e Musicas

DE

Manoel Antonio Guimarães

SUCCESSOR DE BUSCHMANN, GUIMARÃES & IRMÃO

Unico importador dos verdadeiros pianos de Julius Bluthner

50, Rua dos Ourives 52.

VENDAS GARANTIDAS

CANÇONETAS A 200 RS.

A Missa Campal — Do Mesmo Lado — A rir... A rir — Assim... Assim — O Pão Fresco — As Minhas Collegas — O Meu Amigo Banana — Os Phosphoros — Brincadeiras — Si Eu Fosse Rapaz — Nem Eu Nem Ella — Os Suspiros — Ora Toma, Mariquinhas — O Calado é Melhor — A Banana — Descarrilar — Do Outro Lado — Enganos — A Minha Familia — O Chefe d'Orchestra — A Gargalhada.

A' venda no Escriptorio desta folha.

LOTERIA DA CARIDADE

Quinta-feira 2 do corrente

POR $800 — 25:000$000 — POR $800

Esta loteria, fiscalisada pelo **Exm. Sr. Dr. fiscal da União e pelo do Estado, tem garantia dos premios** pelo Estado, nos termos do decreto federal n. 2.418, de 26 de dezembro de 1896, e mais a caução do Thesouro Federal de **40:000$** em apolices. As extracções serão feitas na agencia geral, á rua de S. José n. 113, **ás 4 1/2 horas da tarde.— A. CAMPOS & C.**

Ao publico.—As machinas podem ser examinadas antes e depois das extracções.

O agente em Nictheroy, GUILHERME M. P. VASCONCELLOS.